



Gaiato

29 DE SETEMBRO DE 1973

ANO XXX — N.º 771 — Preço 1\$00



OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

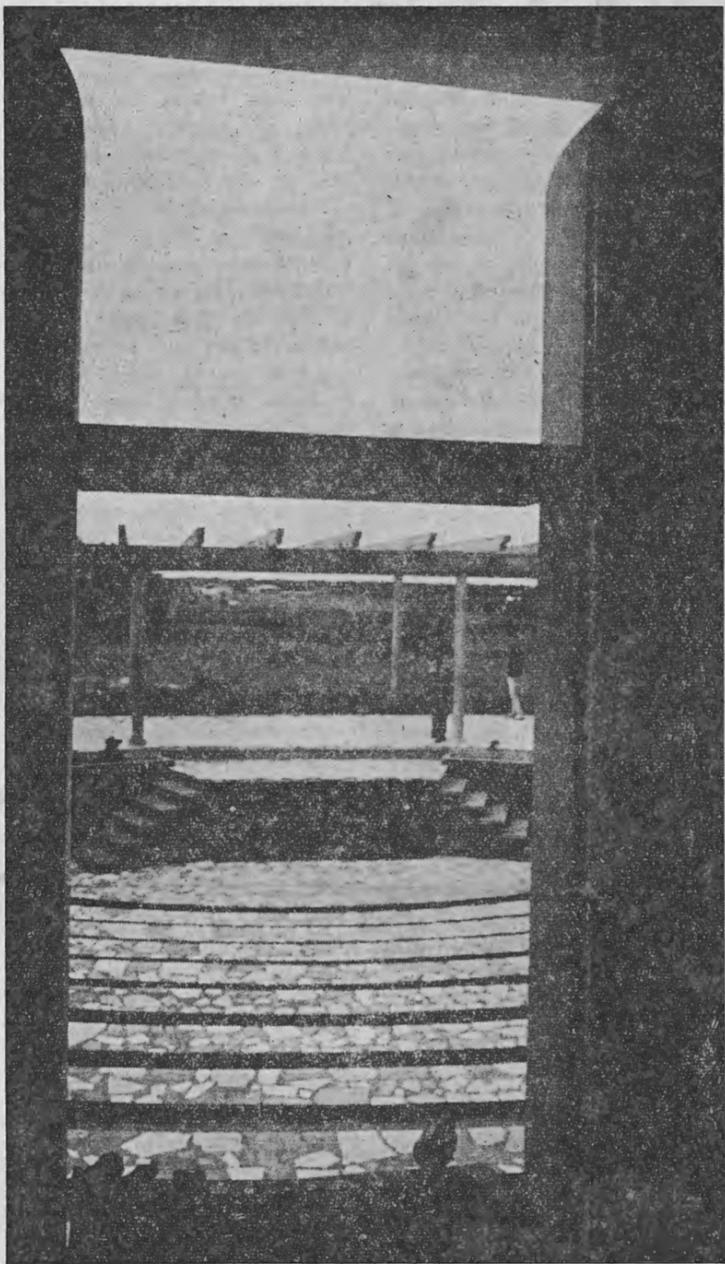
Lourenço Marques

Uma coisa me tem chocado ao descer a nossa cidade, do centro para a baixa, perto da Catedral. O que ali se ergue bem alto não é mais a cruz na agulha da torre, mas um sinal luminoso, enorme, a reclamar atenção dos vivos dia e noite.

A torre da Catedral, como reclame ou chamamento ao Povo que passa, já fez a sua época, talvez de fé mais ardente e homens menos ambiciosos. E agora a própria cruz que a encima, na sua pequenez, se perde no traçado do casario que se agigantou. Os reclames luminosos despertam mais que as torres e os sinos. Podemos espiritualizá-los como símbolos que são, mas é impossível não reconhecer que a sua junção está em inferioridade na técnica de chamamento ou anúncio, no conceito das necessidades do homem de hoje.

Não quero lúgubres congeminações, mas intimamente sugere-me que a Igreja está em desvantagem e dominada com sobrançeria pelo símbolo do deus-milhão. O que por outro lado pode significar que a Igreja templo de Deus vivo nos Seus membros aceita, hoje, uma confrontação de humildade, anúncio de outros valores que nela predominam. E se mais alto se ergue o símbolo do poder do dinheiro, o da humildade que é a cruz, é mais significativo, sempre actual e até subjectivamente mais rico. É certo que o dinheiro está hoje tão ligado à existência humana e condiciona tanto o homem ao existir na terra como o pecado ao sobreexistir na eternidade. E até podemos dizer que intrinsecamente são as duas grandes realidades que mais imolam o homem cristão que dum a outra se queira libertar. Sintomaticamente são aqueles que, nos nossos dias, são objecto de maior anúncio em múltiplas e disfarçadas formas. São um sinal dos nossos tempos. E nós, homens cristãos, amolecidos pela técnica do seu anúncio, sentimo-nos tão enredados e subjugados que às vezes tememos o disparate e acomodamo-nos às circunstâncias.

Padre José Maria



Um palco com actores e sem espectadores. A plateia está vazia, mas basta o cenário para fazer espectáculo. Eis uma bela imagem da nossa Casa do Gaiato de Lourenço Marques!

DOUTRINA

Não há como ver de fora para ver melhor. O dia-a-dia atropela-nos com os seus pequeninos acontecimentos triviais, em que mais facilmente notamos o negativo do que os valores positivos — que sempre os há. E quando o cansaço nos domina, então é que é o desequilíbrio na recta apreciação dos valores. Por isso, quem observa de fora está em condições de serenidade que lhe permitem uma visão mais imparcial, decerto menos apaixonada.

Há dias, em conversa com os nossos padres, um falava da impressão causada em um grupo de estrangeiros pela nossa «desorganização», em que eles admiravam a vigorosa estrutura que lhe é subjacente e que fundamenta aquela antiga e célebre classificação de outro estrangeiro: «desorganização organizada». Outro dizia-nos do espanto de pessoas, também estranhas à Obra, perante a ordem com que a vida prossegue, conduzida só pelos Rapazes, sem nenhum responsável adulto a tomar conta.

São testemunhos frequentes que nos fazem bem e obrigam a reparar na nossa própria confiança, a qual de tão espontânea, de tão habitual, que nem nela advertimos em todos e cada acto em que ela é posta à prova! Assim acontece, por exemplo, em dois momentos importantes do nosso ciclo anual: um, o das Festas; outro, o das Colónias de Férias na praia, que ao longo do verão se sucedem em grupos de trinta Rapazes por períodos de quinze dias. Na verdade, sob pena de sermos irreflectidos, senão mesmo inconscientes — como entregamos nós uma Casa, uma comunidade tão diversa de idades e de comportamentos à responsabilidade de um ou dois, um pouco mais velhos, sempre aquém dos vinte anos, sem uma vacilação?!

Cont. na TERCEIRA página

Tribuna de Coimbra

Na visita do sr. Ministro da Educação Nacional a Miranda do Corvo a autoridade concelhia procurou incluir a nossa Casa. Procurámos que fosse uma visita de amizade e de partilhar problemas. Nós somos a porta aberta para todos os que venham por bem. E acreditamos que os homens constituídos em autoridade tenham a preocupação de servir por bem. Ai deles se assim não for! Só neste sentido somos capazes de aceitar e viver numa Casa de porta aberta e receber os que quiserem entrar.

A nossa sala de jantar foi escolhida para a refeição do dia. Também as refeições são motivo de encontro dos homens. Foi uma refeição-convívio. Tivemos a sensação de que estávamos em família. Os nossos pequeninos serviram o prato mais saboroso e mais apreciado com seus cantares e suas saudações. O Pedrinho, que fez há dias três anos, consolou-se de estar ao colo do sr. Ministro. Todos receberam beijos e carinhos.

No prato dos pequeninos veio a canção «Ai se eu fosse rico». Possivelmente no grupo estariam pessoas ricas. Somos levados a acreditar que até estariam alguns

Cont. na QUARTA página

As barrigas vazias são contrárias à paz

Segundo o cientista americano Norman Borlaug, a população mundial alimenta-se em condições demasiado precárias, para que a paz possa ser edificada.

«O primeiro componente essencial da justiça social reside em alimentação adequada para toda a espécie humana», afirmou, na 37.ª Conferência Norte-Americana da Vida Selvagem e Recursos Naturais, Borlaug, de 58 anos, galardoado com o Prémio Nobel em 1970, pelo desenvolvimento de milhos híbridos e

outros vegetais e cereais, movimento que deu origem à chamada «revolução verde» no México, Índia e Paquistão. «A comida constitui o direito moral para todos os que nascem neste mundo. Estou convencido que a ordem e a paz no mundo não podem edificar-se com barrigas vazias. Todavia, presentemente, cerca de cinquenta por cento da população mundial continua a alimentar-se muito mal, por carências naturais, e uma percentagem ainda maior vive em perfeitíssima fase de desnutrição.»

PELAS CASAS DO GAIATO

TOJAL

OBRAS — As novas camanatas estão a ficar um encanto. Assim é a opinião de alguns visitantes. Falta principalmente concluir a parte sanitária.

Com a ajuda de 2 grupos de estrangeiros que por aqui passaram, foi-nos possível dar um grande avanço no anexo da Carpintaria. Encheram-se ainda os caboucos para a Casa Agrícola e arranjou-se uma parte do muro da quinta que estava um bocado destruído.

FÉRIAS — Já terminaram as férias nesta Casa. Todos tiveram 15 dias de folga intensa. No regresso de cada grupo notava-se uma certa tristeza e dizia-se que «o que é bom acaba depressa». Uns contavam as suas aventuras, mais ou menos habituais, e discutiam entre si quem tinha ido mais longe no mar. Enfim, sentimo-nos felizes, e se Deus quiser para o ano também haverá Verão e nós lá estaremos de novo.

CAMPO — Este ano ainda se conseguia tirar uma boa quantidade de mel das nossas colmeias. Temos necessidade de substituir a cera em algumas caixas. Tem que ser nova e terá que ser comprada. Queria, em nome do apicultor da Casa, pedir mais uma vez aos nossos amigos ajuda para uma maior produção das abelhas no próximo ano.

SAPATOS — Todo o Verão nos temos governado com um grande número de sandálias oferecidas por todos vós. Acontece agora que o Verão está prestes a terminar e já vai havendo necessidade de um calçado mais apropriado, de harmonia com a época. Faz-nos falta calçado com as medidas entre 32 e 36.

Todos os sapatos de que já não façam uso, para nós são muito bons para trazer por casa.

FUTEBOL — Durante estes dois meses, Agosto e Setembro, quando mais contávamos com algum grupo para nos defrontar, ninguém apareceu. Então! Mas que é isso? Será medo? Nós não somos nenhuns «ases». Jogamos qualquer coisa e gostaríamos de praticar. Talvez tenhamos que ir fazer uma digressão pelo estrangeiro, para rotação da equipa e das novas aquisições...

SELOS — Enquanto não aparece comprador, estes continuam a amontoar-se. A campanha está em franco progresso. Há, no entanto, um caso a registar:

Apareceu-nos aqui, há dias, como já é habitual, um colecionador interessado em ficar com os selos existentes. Fizemos a pesagem e foram 13,5 kg a 80\$00.

Logo no dia imediato ao da venda, o mesmo senhor telefona-nos muito

irritado e dizia que nunca tinha sido burlado por ninguém e vinha agora a Casa do Gaiato fazê-lo.

O que tinha sucedido é que havia entre os selos vendidos uma enorme quantidade estragada. Nós aqui não colecionamos. Portanto, conforme os selos nos chegam assim os vendemos. Houve portanto um amigo colaborador — acredito tê-lo feito com todo o carinho pela Casa — que se deu ao árduo trabalho de colar, muitíssimo bem, selos rasgados sobre papel. Uma vez que os selos vão à água para serem lavados e largarem o papel a que estão colados, aparecem partidos em duas ou mais partes.

Peço desculpa, não quero ofender quem o fez, decerto alheio ao erro que estava cometendo. Se o selo está rasgado o melhor será deitá-lo ao caixote dos papéis para se evitarem casos desta espécie. Obrigado.

Jorge

CALVÁRIO

FÉRIAS — Nestes apontamentos queremos expressar a todos os nossos leitores o desejo de que tivessem férias. São um bem para os corpos e os espíritos.

Durante esta época — por ser a mais propícia — estiveram entre nós, alguns dias, vários amigos nacionais e estrangeiros. Vieram com o objectivo de se documentar e, na medida do possível, procurar compreender a vida do Calvário.

O outro aspecto que desejo focar é aqueles grupinhos que vêm apenas com o desejo de turismo. Ora se foi o aspecto turístico — nem sempre mal intencionado — que os trouxe, e continua a trazer essas pessoas, creio que ficaram só com uma ideia paisagística do local.

FESTAS OU BARULHO?! — Nós não temos nada com o facto de se fazerem muitas ou poucas manifestações barulhentas a que chamam, mais ou menos pomposamente, Festas.

Eu quando vim para o Norte, ao ver tanto foguete, quer de noite ou de dia, pensava e manifestava a minha admiração ao ouvir tanta barulheira. Fiz várias experiências e vi que os sentidos não se apercebiam que no meio dessa barulheira de altifalantes e fogo havia, e ainda hoje há, coisas que nesses dias não são pesadelos sociais...

Mas cada qual sabe com que linhas se coe...

Estes meses de Verão são para os que aqui se encontram, no Calvário, uns meses de autênticos atentados à sensibilidade de cada um. Às vezes parece que há despiques entre estes lugares que nos rodeiam, tanto em berrarias sonoras como nos foguetes, quer de noite ou de dia!...

Repetimos: Não somos contra Festas ou diversões. Mas apetece-nos berrar bem alto: Há ou não regulamentos para estas anomalias?! Dão-se licenças para festas... ou para barulho?! Onde estará a melhor forma de haver respeito nisto?!

Manuel Simões

Notícias da Conferência de Paço de Sousa

DONATIVOS — A *Viúva do Porteiro*, muito assídua nesta coluna, manda um contributo com algum sacrifício «por alma do meu marido», acentua. Outro sufrágio: «por alma de Mário Beleza», 250\$00. Da assinante 28053, 50\$00 pedindo desculpa «do pouco que envio, mas sempre que Deus me ajude mandarei mais umas migalhas». A seguir é a assinante 11162. Depois, a 17022. E, com um passo muito certinho, registamos «a contribuição mensal da Assinante do Seixal — com muito amor pelos Irmãos da Conferência» — 600\$00.

No Espelho da Moda entregaram 25\$00 para os nossos Pobres. Da Rua Morais Soares, de Lisboa, chegou quatro vezes mais. Mafra com 20\$00. Odivelas, 100\$00. E metade dum lisboeta, de visita à nossa Aldeia.

Finalmente, escutemos um recado de algures:

«Nas vésperas de ir para férias descansar uns dias bem apetecidos — depois de um ano de trabalho dentro duma cidade poluída e já com 68 anos — envio-vos esta migalha. Peço desculpa de ser tão pequena, mas é dada com o coração; acreditai. Noutras ocasiões tem sido maior; e há-de ser se Deus quiser.»

Zé Ninguém

É tudo.

Júlio Mendes

A venda do Jornal no Norte do País

● VISTA GERAL

Vou falar de certas mudanças visto que alguns dos actuais vendedores do Jornal deixarão a tarefa, muito brevemente.

O Maurício larga a cidade de Viana do Castelo, porque vai estudar no Liceu Alexandre Herculano, do Porto. «Gato Félix» — que vendia em Guimarães — fará uma pausa, também pela mesma razão; mas não sairá definitivamente: aos domingos ajudará os colegas do Porto.

Largam a tarefa, definitivamente, os seguintes: «Eusébio» e «Timpanas». Já têm uma certa idade... Respeitamos, assim, uma tradição muito antiga.

«Timpanas» levava 350 jornais para despachar no Porto, à sexta-feira; seguindo, no sábado, para Braga com 200 deles. «Eusébio», 350 para Aveiro. É lá muito querido! Maurício e «Gato Félix» não passavam mais de 100.

Vamos lá ver quem serão os substitutos. O ensaio foi na quinzena anterior.

Felizmente, a malta da venda no Norte do País tem cumprido. Não tem feito grandes «aventuras». Agora, na cidade do Porto, até já despachamos mais 200 jornais!

Um abraço para os leitores, do «Bragança»

● PÓVOA DE VARZIM

Escrevo para o nosso jornal pela segunda vez. Eu gosto muito de escrever!

Os meus amigos da Póvoa sabem porque é que não tenho ido vender aí? Os meus colegas de Azurara correm tudo e tomaram conta do meu lugar!...

Durante este período, senti muitas saudades dos poveiros, de todos os meus amigos. E, não há dúvida, também já estava com saudades daquela valente pratada de batatas fritas, na Confeitaria...

Os meus colegas, em férias na praia de Azurara, tramaram-me! Visitaram os meus fregueses e fizeram com que eu deixasse de lá ir.

Durante o mês de Agosto vendi «O Gaiato» no Porto. Não cheguei a passar tantos como na minha querida Póvoa. Mas vou tornar à terra do Cego do Maio, já na próxima quinzena. Passo a ir na camioneta das 9 h, por ter alguns fregueses no Porto. E, assim, chego lá — à Póvoa, claro — sem esperar pela saída dos operários e empregados das fábricas. Gosto de entregar o jornal a estes amigos, que ganham o sustento com o suor do seu rosto. Ora vejam lá: só numa fábrica passo à volta de 80 jornais! Estes, os que trabalham, são muito nossos amigos.

Agora, que as férias estão a findar, quero avisar os poveiros em descanso noutros lados do País ou do estrangeiro, que voltem a tomar contacto com o «O Gaiato»; e, também, com o vosso amigo «Salazar».

Não quero deixar de dizer, antes de terminar, que durante o Verão só passava 150 jornais na Póvoa, porque os meus colegas de Azurara corriam as fábricas todas. Estou muito aborrecido! Vamos a ver se para o próximo ano evitam percorrer locais que não lhes pertencem... A zona deles é só Vila do Conde. Se no próximo ano baterem a Póvoa, os senhores e as senhoras façam o favor de os repreender, como fez o sr. Padre Carlos.

«Salazar»

MALANJE

As Festas estão no fim. A azáfama começou há dois meses. Ainda as aulas não tinham acabado já o incansável Júlio da Silva tinha alinhavado as variedades com os seus berros saltitando entre a harmonia das canções. Depois foi o teatro, e os últimos retoques, consecutivamente, todos os dias, todas as noites. Não fosse o copinho de leite e o sorriso aberto do Casquinha, único aliciente que conseguia tirar o Tomás do recanto da sua poltrona e do fundo do seu sono, que os ensaios tornavam-se iam monótonos apesar das constantes surpresas do Azevedo.

Chegado o dia, Cacuso acolhe-nos com a casa cheia. E nós como meninos tímidos (já viram um Gaiato tímido?) entramos hesitantes, dando de vez em quando uma olhadela às últimas recomendações do Júlio da Silva.

Colungo Alto e Salazar foram a preparação para a «Vida Típica» (palavras do Azevedo) que se seguiria nas semanas seguintes.

O martelo que caía na cabeça, os tubos da montagem que partiam,



O Joaquim Vieira e a Eulália casaram em nossa Capela de Paço de Sousa

×

os berros do Júlio da Silva e as gargalhadas do Azevedo, o sorriso do Mexinde e a lentidão do Chumbos, o cansaço dos da montagem e um sono reparador sobre um colchão de 7 cm assente no chão das escolas não são mais que componentes duma «vida típica»; o prato numa mão, o garfo noutra, saboreando, de pé, a trinca, que parecia arroz, cozinhada pelas mãos habilidosas do Helder. O sr. Padre Telmo é que não se conformava com tantos requisitos e elevava as mãos e a voz contra a «lentidão daquele Helder»; mas no fim era um consolo ver o tacho sumir, e apoiava sempre e louvava o nosso cozinheiro.

Foi esta espontaneidade de comunhão que animou este fugidio mês de digressões pelas acolhedoras terras do Norte:

Camabatela, «Pérola do Norte», Carmona e Negage, perdidas entre colinas verdejantes, souberam associar a beleza exterior à alegria dos corações.

Foi a Gabela, com a sua paisagem multicolor, confundindo-se a nossa boa disposição com o êxtase duma mata pincelada de sorrisos. Foi a Cela acolhedora. A Quibala com uma sala pequenina para conter tanto carinho. O Dondo, espelhado no Quanza a reflectir-nos simplicidade. A longínqua Henrique de Carvalho que ficou mais próxima de nós. E foi Samba-Cajú e Quicelungo, e o sol rubro entrando nas montanhas bélicas de Bolongongo, dizendo aos homens que é na paz e no amor que se encontra a simplicidade da alegria.

Foi ainda o Duque de Bragança e Malanje formando o vértice duma pirâmide de compreensão numa dádiva de amor.

Zéinho

Novos Leitores de «O Gaiato»

● CORREIO DOS LEITORES

A devoção pelo «O Gaiato» transmite-se de geração em geração, numa percentagem muito significativa.

Hoje, na procissão de novos leitores, entrou-nos pelos olhos dentro — muito a propósito — ao menos duas presenças que não resistimos a transcrever. Uma é dos lados de Coimbra:

«Depois do falecimento da minha Tia... que era assinante do vosso jornal, deixámos de receber «O Gaiato» e como ela faleceu em Janeiro não sei se terá paga a assinatura do ano corrente. Em qualquer dos casos envio junto 100\$00 e peço o favor de nos continuarem a considerar assinantes. A assinatura pode ficar em meu nome...»

De Braga, outro caso idêntico:

«Minha Mãe morreu em Fevereiro. Envio 300\$00 para pagar as dívidas dela, do jornal e do livro, que tenho estado a receber. Peço o favor de pôr a assinatura do jornal em meu nome, com o mesmo endereço...»

Estas passagens de testemunho são uma riqueza expressiva, no limiar do 30.º ano do «Famoso». E dão motivo para renovar um apelo aos nossos leitores e seus herdeiros: terem a bondade de nos comunicar, sempre, na devida altura, qualquer alteração, verificada por falecimentos, mudanças de endereço, etc. etc.

É certo que se a leitura for compartilhada pelo agregado, temos continuidade. O exemplo está aí. Se não, «O Gaiato» é peso morto que, às vezes, dura anos assim! E só após um rebate é devolvido com indicação de que o destinatário faleceu; ou outras notas, algumas tão absurdas, averbadas por negligência ou deformação profissional.

● METRÓPOLE

Registámos mais leitores, como novos assinantes, de: S. Pedro do Estoril, Melgaço, Peniche, Alcanhões (Santarém) e Coimbra. Uma das presenças Coimbrãs foi completíssima: inscrições simultâneas no Jornal e na Editorial!

Mais assinantes de Setúbal. E uma lista com gente de Benedita, Almada e Lisboa. Mais Cinfães, Carraceda de Anciães, Vidigueira e Monte Real.

Do Porto e Lisboa, um grupo numeroso. E boas notícias. Temos um desabafo da capital:

«Gostava de saber qual é o preço da assinatura anual; não tenho habitualmente nenhum jornal assinado...»

Este ritmo acelerado de vida

absorve-nos, sem deixar tempo para nos debruçarmos em leituras como «O Gaiato» — tão importantes...»

Ainda de Lisboa, recortamos duma carta muito simpática:

«Desejo também tornar-me leitora assídua do vosso Jornal, pelo que gostaria de saber se é possível recebê-lo em minha residência sempre que seja editado...»

Foi logo atendida!

Deixámos para o fim, positivamente, a salutar presença duma «nuestra hermana», de 78 anos. Ouçam:

«Acabo de leer el 2.º número de «O Gaiato» de 1/9/73. Lo

lei de principio a fin, sin pasar nada! Que Dios me perdone este pecado de omisión; pues yo adquiri varias veces el periodico, mas nunca lo lei; los dava. Conoci el sr. Padre Américo de nombre! La Obra es formidable! Gracias a Dios ya tan extensa! Las vias del Señor son perfectas! Parece que el Padre Américo hace mas aun, por la Obra que dejó! Como és pungente ese «Calvário», esa «Casa dos sem Família...»

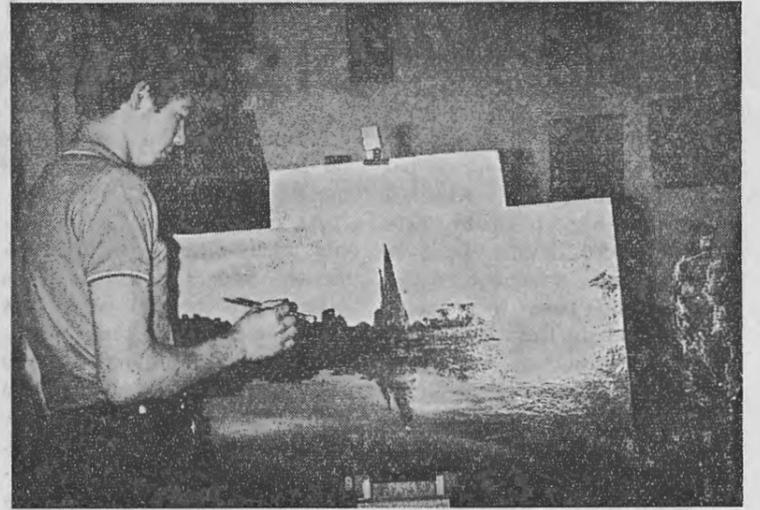
Paradoxalmente digo: Gracias a Dios que no soy rica, porque el remordimiento de mis pecados de omision no me dejaria en paz. Tengo lo necesario para vivir; pero siempre se puede hacer cualquier cosa, aplicando-nos a sacrificar todos los superfluos, y mortificando-nos en la mesa, gastar con ella lo menos posible sin lesar la salud...»

● ULTRAMAR

O interesse dos portugueses do Ultramar pelo «O Gaiato» continua como dantes. Ultimamente, inscrevemos novos leitores de Luanda e uma data de SPM.

É tudo.

Júlio Mendes



O Paulo Mendão ocupa seus tempos livres na pintura

Campanha dos Tempos Livres

Como ocupá-los?... Em quê?...

Estas são as duas perguntas que andam por cá. Estou a falar no plural, porque não sou só eu, nem este, nem aquele — somos todos. Todos nós precisamos de nos distrair, no que quer que seja, desde o mais pequeno ao maior da Casa.

Por isso digo sem dúvida nenhuma: tem de haver uma

solução para o problema. Mas não quero dizer que se arranje de qualquer maneira. Isso não!

Primeiro: É preciso saber o que sentimos, o que queremos saber, fazer ou ser, etc.

Segundo: Responsabilizarmos-nos pelo que já possuímos, pelo que desejamos, pelo que precisamos.

Terceiro: Inspirarmos-nos, dedicarmos-nos a tudo quanto aproveitarmos ao longo das horas de ócio.

Deixo estas ideias, estas recomendações, porque eu próprio já as senti e sinto. Por isso, os leitores que vivem os nossos problemas não nos deixem a meio da cruzada; ponham as mãos à obra e, assim, daremos solução aos nossos tempos livres.

Façam o favor de enviar o que entenderem e não precisarem. Por exemplo: livros, jogos, tintas, barro, decorações, guaches, lápis de carvão, instrumentos musicais... sei lá, existem mil coisas para preencher o vazio dos tempos livres!

Gostava imenso — e decerto os leitores também — de ver

Cont. na QUARTA página

DOCTRINA

CONTINUAÇÃO

DA PRIMEIRA PÁGINA

É que os anos passam — e o nosso saber, partido de uma intuição genial de Pai Américo (genial e mui cristã!) é uma ciência de experiência feita. Assim no princípio, as Colónias de Férias eram presididas por seminaristas ou universitários, ou por outras pessoas com obrigação de madureza, que não faziam mais nem melhor do que os nossos Rapazes; alguns, nem sequer tanto! Há muitos anos já que não há quem — e isso foi um bem que nos obrigou a confiar ainda mais neles e a arriscar. Graças a Deus, a experiência não nos deu qualquer razão para arrependimento ou marcha atrás. Pelo contrário: não trocaríamos já o ponto a que chegámos por aquele donde partimos. Se alguma vez, aparece alguém mais qualificado, esse é hóspede. O chefe daquela nada pequena família de trinta Rapazes é um deles; chefe anfitrião.

Decerto, aquela quinzena de férias não é totalmente descontrainda para os que levam sobre si a missão de governar. Mas é uma grande oportunidade, em que nós temos ensaiado progressivamente uma maior autonomia — treino para um uso sempre mais saudável da liberdade e para um conhecimento mais próximo do concreto da vida, desde o granjeio da subsistência pela venda do nosso jornal, ao contacto do mercado, do custo da vida, procurando cada qual governar o seu pequeno pecúlio da maneira mais favorável

ao bom trato da comunidade.

Alguns têm-se revelado neste posto à altura de qualquer boa dona de casa. Bastas vezes das que me sentei com eles à mesa, tive a felicidade de experimentar, para além do bom gosto da refeição apresentada, o sabor bem mais subtil e profundo do acerto de critérios e da vontade de servir a comunidade o melhor possível. Isto dentro de uma economia de recursos, em que talvez se não saísse tão bem muita boa dona de casa que sai para a praça sem limitações de bolsa!

Venham para cá as senhoras governantes com teorias de técnicas e de pedagogias novas...! Nós também temos a nossa técnica e a nossa pedagogia. Dela teve Pai Américo a genial e, porque fundada no «Mandamento Novo», mui cristã intuição: **Obra de Rapazes, para Rapazes, pelos Rapazes.** Graças a Deus, trinta e três anos de vida não a desmentiram, nem lhe gastaram a fórmula, porque amor e sangue é o que a alimenta.

Que façam outros melhor... Até ver — Deus nos assista — nós faremos assim.

MALANJE

Sim, nota-se a preocupação de promover. São as brigadas do Reordenamento, procurando atingir as populações em todos os aspectos vivenciais. São os serviços de Agricultura com os seus blocos culturais, que nalguns concelhos têm concorrido para uma maior produção e menos fome. As cooperativas rurais que o Instituto do Café está criando no Uíge. Os blocos de apoio do Instituto do Algodão ao pequeno agricultor. E tantos outros organismos a quererem deitar a mão nesta grande tarefa de elevar as populações a um viver mais digno do homem.

A tarefa, porém, é tão vasta, pelo grande atraso e baixo nível das populações, que estes

esforços quase se não vêem.

É de notar, também, o surto rápido e grandioso no ensino. Afigura-se-nos, no entanto, em desproporção com o nível económico das populações e, sobretudo, com a nossa capacidade de emprego.

Sabemos por experiência que os jovens depois de pisarem os degraus do Liceu e Escolas Técnicas não mais trabalham no campo e, em raros casos, nas oficinas. Salta a pergunta: que fará esta multidão de estudantes daqui a 3-6-10 anos? Pelo que conheço de alguns jovens encostados à família ou à palhota com dificuldade de emprego, o problema parece-me difícil e complexo. Afigura-se-me urgente a coordenação de atingir o homem total — em

todos os seus aspectos reais, dele, e do meio em que vive.

Na promoção do homem não podemos correr por um caminho e deixar os outros. Isto gera desequilíbrio, descontentamento e revolta.

Nas nossas Casas do Gaiato a lei mais sagrada, a nossa maior alavanca é o trabalho, para todos, do mais pequeno ao maior.

Instituir o trabalho e dignificá-lo. Trabalho a favor e para a promoção de quem o realiza.

Padre Telmo

TRANSPORTADO NOS AVIÕES DA T. A. P. PARA ANGOLA E MOÇAMBIQUE





Gaiato

29 DE SETEMBRO DE 1973
ANO XXX — N.º 771 — Preço 1\$00

OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

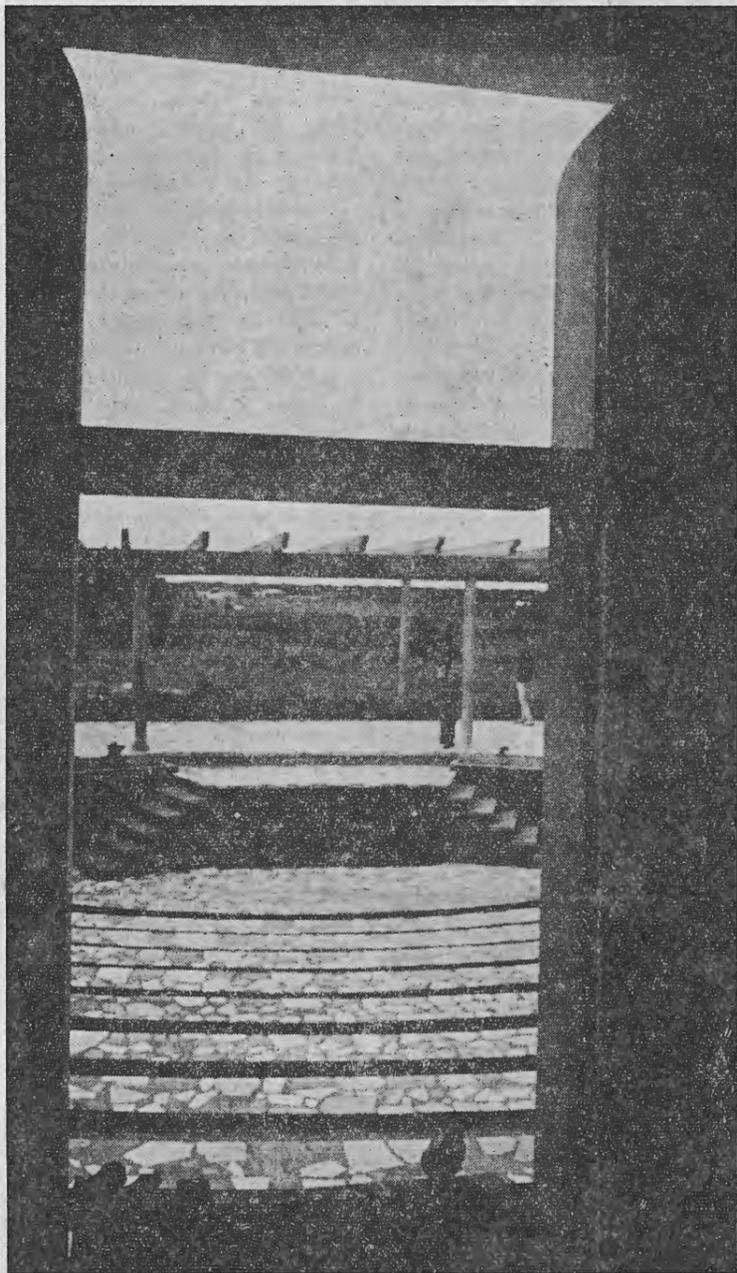
Lourenço Marques

Uma coisa me tem chocado ao descer a nossa cidade, do centro para a baixa, perto da Catedral. O que ali se ergue bem alto não é mais a cruz na agulha da torre, mas um sinal luminoso, enorme, a reclamar atenção dos vivos dia e noite.

A torre da Catedral, como reclame ou chamamento ao Povo que passa, já fez a sua época, talvez de fé mais ardente e homens menos ambiciosos. E agora a própria cruz que a encima, na sua pequenez, se perde no traçado do casario que se agigantou. Os reclames luminosos despertam mais que as torres e os sinos. Podemos espiritualizá-los como símbolos que são, mas é impossível não reconhecer que a sua junção está em inferioridade na técnica de chamamento ou anúncio, no conceito das necessidades do homem de hoje.

Não quero lúgubres conge-minações, mas intimamente sugere-me que a Igreja está em desvantagem e dominada com sobrançeria pelo símbolo do deus-milhão. O que por outro lado pode significar que a Igreja templo de Deus vivo nos Seus membros aceita, hoje, uma confrontação de humildade, anúncio de outros valores que nela predominam. E se mais alto se ergue o símbolo do poder do dinheiro, o da humildade que é a cruz, é mais significativo, sempre actual e até subjectivamente mais rico. É certo que o dinheiro está hoje tão ligado à existência humana e condiciona tanto o homem ao existir na terra como o pecado ao sobreexistir na eternidade. E até podemos dizer que intrinsecamente são as duas grandes realidades que mais imolam o homem cristão que duma e outra se queira libertar. Sintomaticamente são aqueles que, nos nossos dias, são objecto de maior anúncio em múltiplas e disfarçadas formas. São um sinal dos nossos tempos. E nós, homens cristãos, amolecidos pela técnica do seu anúncio, sentimo-nos tão enredados e subjugados que às vezes tememos o disparate e acomodamo-nos às circunstâncias.

Padre José Maria



Um palco com actores e sem espectadores. A plateia está vazia, mas basta o cenário para fazer espectáculo. Eis uma bela imagem da nossa Casa do Gaiato de Lourenço Marques!

DOCTRINA

Não há como ver de fora para ver melhor. O dia-a-dia atropela-nos com os seus pequeninos acontecimentos triviais, em que mais facilmente notamos o negativo do que os valores positivos — que sempre os há. E quando o cansaço nos domina, então é que é o desequilíbrio na recta apreciação dos valores. Por isso, quem observa de fora está em condições de serenidade que lhe permitem uma visão mais imparcial, decerto menos apaixonada.

Há dias, em conversa com os nossos padres, um falava da impressão causada em um grupo de estrangeiros pela nossa «desorganização», em que eles admiravam a vigorosa estrutura que lhe é subjacente e que fundamenta aquela antiga e célebre classificação de outro estrangeiro: «desorganização organizada». Outro dizia-nos do espanto de pessoas, também estranhas à Obra, perante a ordem com que a vida prossegue, conduzida só pelos Rapazes, sem nenhum responsável adulto a tomar conta.

São testemunhos frequentes que nos fazem bem e obrigam a reparar na nossa própria confiança, a qual de tão espontânea, de tão habitual, que nem nela advertimos em todos e cada acto em que ela é posta à prova! Assim acontece, por exemplo, em dois momentos importantes do nosso ciclo anual: um, o das Festas; outro, o das Colónias de Férias na praia, que ao longo do verão se sucedem em grupos de trinta Rapazes por períodos de quinze dias. Na verdade, sob pena de sermos irreflectidos, senão mesmo inconscientes — como entregamos nós uma Casa, uma comunidade tão diversa de idades e de comportamentos à responsabilidade de um ou dois, um pouco mais velhos, sempre aquém dos vinte anos, sem uma vacilação?!

Cont. na TERCEIRA página

Tribuna de Coimbra

Na visita do sr. Ministro da Educação Nacional a Miranda do Corvo a autoridade concelhia procurou incluir a nossa Casa. Procurámos que fosse uma visita de amizade e de partilhar problemas. Nós somos a porta aberta para todos os que venham por bem. E acreditamos que os homens constituídos em autoridade tenham a preocupação de servir por bem. Ai deles se assim não for! Só neste sentido somos capazes de aceitar e viver numa Casa de porta aberta e receber os que quiserem entrar.

A nossa sala de jantar foi escolhida para a refeição do dia. Também as refeições são motivo de encontro dos homens. Foi uma refeição-convívio. Tivemos a sensação de que estávamos em família. Os nossos pequeninos serviram o prato mais saboroso e mais apreciado com seus cantares e suas saudações. O Pedrinho, que fez há dias três anos, consolou-se de estar ao colo do sr. Ministro. Todos receberam beijos e carinhos.

No prato dos pequeninos veio a canção «Ai se eu fosse rico». Possivelmente no grupo estariam pessoas ricas. Somos levados a acreditar que até estariam alguns

Cont. na QUARTA página

As barrigas vazias são contrárias à paz

Segundo o cientista americano Norman Borlaug, a população mundial alimenta-se em condições demasiado precárias, para que a paz possa ser edificada.

«O primeiro componente essencial da justiça social reside em alimentação adequada para toda a espécie humana», afirmou, na 37.ª Conferência Norte-Americana da Vida Selvagem e Recursos Naturais, Borlaug, de 58 anos, galardoado com o Prémio Nobel em 1970, pelo desenvolvimento de milhos híbridos e

outros vegetais e cereais, movimento que deu origem à chamada «revolução verde» no México, Índia e Paquistão. «A comida constitui o direito moral para todos os que nascem neste mundo. Estou convencido que a ordem e a paz no mundo não podem edificar-se com barrigas vazias. Todavia, presentemente, cerca de cinquenta por cento da população mundial continua a alimentar-se muito mal, por carências naturais, e uma percentagem ainda maior vive em perfeita fase de desnutrição.»